

A experiência vivida de surfar: um estudo fenomenológico

The lived experience of surfing: a phenomenological study

La experiencia vivida de surfear: un estudio fenomenológico

Natali Cristofolli¹

Mak Alisson Borges de Moraes²

Thabata Castelo Branco Telles³

Resumo

O surfe é uma atividade amplamente praticada, que se constitui em deslizar na parede de uma onda sobre uma prancha. Entretanto, nota-se que a vivência com essa prática vai além de suas técnicas. O objetivo deste estudo foi compreender como é a experiência vivida de surfar por meio das percepções dos próprios praticantes. A metodologia de inspiração fenomenológica foi utilizada como meio de acesso a essas vivências, com o auxílio de entrevistas abertas, norteadas por pergunta disparadora. Foram entrevistados 8 participantes, todos amadores, que relataram experiências vividas apresentadas em 3 movimentos: antes de entrar no mar, vivenciando o mar com uma prancha e saída do mar. Nestes, evidenciou-se a necessidade de preparação para a prática, percepções mistas de medo, coragem, prazer e contemplação durante a experiência e a demonstração do quanto essa vivência extrapola os limites da praia para suas vidas pessoais. A partir dos resultados do presente estudo, entende-se que essa prática se apresenta de modo peculiar, e exige do profissional que se proponha a trabalhar com o surfe uma reflexão sobre os aspectos que o envolvem. Defende-se aqui uma psicologia do esporte que seja sensível às experiências vividas de seus praticantes para, posteriormente, ocupar-se de regras e técnicas.

Palavras-chave: *surf; surfe; surfista; psicologia do esporte; fenomenologia*

¹ Hospital das Clínicas FMRP - USP, SP, Brasil. E-mail: nani.cristofolli@gmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil. E-mail: makalisson@hotmail.com

³ Universidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: thabata@gmail.com

Abstract

Surfing is a widely practiced activity based on sliding up or down the wall of a wave on a surfboard. However, this study established that the experience with this practice goes beyond this technique. The aim of this study was to understand the lived experience of surfing based on practitioners' perceptions. The methodology was based on a phenomenologically inspired assumption and was used as a way to access these experiences with the support of open interviews guided by a trigger question. Eight participants were interviewed, and they reported the lived experience of surfing based on three moments: before entering the sea, experiencing the sea with a board and out of the sea. What came to light was the preparation for this practice, mixed perceptions of fear, courage, pleasure and contemplation during the experience and the descriptions of how much this experience goes beyond the limits of the beach and how it touches their personal lives. From these results, we understand this is a singular activity that requires reflection by those who intend to work with it. We claim that sport psychology must include the lived experiences of the practitioners in order to later focus on rules and techniques.

Keywords: surf; surfing; surfer; sport psychology; phenomenology

Resumen

El surf es una actividad ampliamente practicada, que consiste en deslizarse en la pared de una ola sobre una plancha de surf. Sin embargo, la vivencia con esta práctica va mucho más allá de sus técnicas. El objetivo de este estudio fue comprender cómo es la experiencia de surfear con base en las percepciones de los propios practicantes. La metodología de inspiración fenomenológica fue utilizada como medio de acceso a esas vivencias, junto con el auxilio de entrevistas abiertas, guiadas por una pregunta disparadora. Fueron entrevistados 8 participantes amateurs, los cuales relataron experiencias vividas en 3 movimientos: antes de entrar en el mar, vivenciando el mar con una plancha y la salida del mar. Evidenciando, así, la necesidad de la preparación para la práctica, percepciones de miedo, coraje, placer y contemplación durante la experiencia y la demostración del cuánto esa vivencia extrapola los límites de la playa para sus vidas personales. A partir de los resultados del presente estudio, se entiende que esa modalidad se presenta de forma peculiar, y exige del profesional que se propone a trabajar con el surf una reflexión sobre los aspectos que están implicados. Se defiende aquí una psicología del deporte que sea sensible, inicialmente, a las experiencias vividas de sus practicantes para así, después, ocuparse de reglas y técnicas.

Palabras-clave: surf; surfista; psicología del deporte; fenomenología

O surfe é uma atividade amplamente praticada ao redor do mundo, cuja origem remete ao Havaí (Boboghluin, 2003). Surfar consiste em deslizar na parede de uma onda sobre uma prancha em direção à praia e pode ter diferentes modalidades de acordo com a utilização das pranchas, tais como: *bodyboarding*, em que se desliza deitado na prancha; *longboarding*, praticado em pé, com a prancha grande e mudanças de direção mais lentas; e *shortboarding*, em prancha menor, permitindo manobras mais velozes e competitivas (Moreira, 2009) – esta última, mais popular, será abordada neste trabalho.

A história do surfe no Brasil é marcada pela construção da primeira prancha brasileira, em 1939; o aumento de turistas interessados no surfe, na década de 1950; e nos anos 60, o início dos primeiros campeonatos com premiação. Nota-se que, a princípio, o surfe propagou-se como uma prática sem compromisso, pela característica descontraída de surfistas jovens. Entretanto, muitos praticantes não se enquadravam nessas peculiaridades e, a partir da década de 80, com o apoio da mídia, esta passou a ser considerada uma atividade profissional e séria, abrangendo diversos públicos (Boboghluin, 2003).

Atualmente, o Brasil é visto como uma potência no surfe, com números expressivos de adeptos (Gomes, Souza Neto, Rojo & Silva, 2017). Além disso, os brasileiros têm se consolidado no surfe competitivo, com bons resultados em competições mundiais (Knijnik & Cruz, 2010), a exemplo dos primeiros títulos mundiais de surfe do país, obtidos por Gabriel Medina e Adriano de Souza em 2014 e 2015, respectivamente (World Surf League, 2014; 2015). Ademais, esta prática tem se popularizado internacionalmente (García & Romero, 2009) e, nesse cenário, fará parte pela primeira vez dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020.

Entre as particularidades do surfe, observa-se a integração harmoniosa entre a natureza e o homem, o que possibilita sensações intensas e estimulantes, e concede ao surfista um estilo de vida próprio (Boboghluin, 2003; Knijnik & Cruz, 2010). Para Albuquerque (2006), essas características foram observadas como uma forma diferente de se relacionar com o

mundo, juntamente com uma (re)significação do espaço público da praia. O surfista lida com o desconhecido e aprende a superar seus limites em diversas situações, descobrindo suas potencialidades (Boboghluin, 2003).

No contexto esportivo, tão importante quanto observar os fatores técnicos, físicos e táticos, deve-se considerar os aspectos psicológicos. Diante disto, a Psicologia do Esporte e do Exercício visa o “estudo científico de pessoas e seus comportamentos em contextos esportivos e de exercício, e a aplicação prática desse conhecimento” (Weinberg & Gould, 2008, p. 42). Para esses autores, os psicólogos do esporte observam quais sentidos podem ser empregados para ajudar as pessoas a se envolverem e se beneficiarem de atividades de exercício e esportivas. Segundo Rubio (2000), tanto a busca de melhor desempenho de treinadores e atletas, quanto a iniciação não-competitiva e reabilitação, devem ser constituídas como prática de atividade física e conseqüentemente, campo de aplicação dessa área.

No âmbito do surfe, nota-se que a maior parte dos seus praticantes o busca por bem-estar, embora seja relevante considerar que há estudos com aqueles que o tem como profissão, em que a questão da carreira esportiva é ressaltada (Tomazini, 2017). No campo profissional, o atleta possui uma rotina estressante de campeonatos, com viagens (o que exige adaptação cultural), solidão, etc.

Nesse sentido, o presente trabalho dialoga diretamente com a psicologia do esporte, seja compreendendo o surfe como esporte voltado ao alto rendimento ou como atividade recreativa voltada à promoção de bem-estar (Rubio, 1999). Ainda, este estudo se inspira na metodologia fenomenológica, como forma de buscar compreender a experiência vivida dos surfistas.

Com relação à fenomenologia, sua intenção básica remonta ao processo de “*voltar às coisas mesmas*” (*zu den Sachen selbst*), proposto por Edmund Husserl (1982), a fim de compreender com maior rigor os fenômenos à nossa volta. Este movimento torna-se fundamental a partir do conceito de intencionalidade, em que não é possível pensarmos a consciência enquanto algo separado do mundo, sendo *toda consciência, consciência de alguma coisa*. Dessa forma, a consciência é entendida como ato, constituindo uma unidade indissociável entre os polos sujeito e objeto.

A partir disso, Husserl (2006) nos leva a entender que um *fenômeno* é a apresentação de um objeto para a consciência, o que também determinará o modo como esse objeto será vivido (*Erlebnis*) (Moura, 2007). No caso da vivência de surfar, compreender este ato remonta àqueles que o praticam, o que justifica a necessidade de realizar entrevistas com surfistas.

O processo de *voltar às coisas mesmas* encontra consonância com o objetivo de busca das essências. Ou seja, através da investigação da vivência de surfar a partir daqueles que a vivem, busca-se uma compreensão rumo ao que poderia ser entendido essencialmente como o ato de surfar. A partir de uma inspiração fenomenológica, esta pesquisa procurou se guiar pelo princípio de colocar em suspenso os conhecimentos prévios sobre o fenômeno investigado, buscando acessar suas estruturas fundamentais, através da análise dos relatos desses praticantes.

MÉTODO¹

Participaram desse estudo 08 surfistas amadores (4 mulheres e 4 homens), na modalidade *shortboarding*, praticantes há no mínimo 1 ano e meio, maiores de 18 anos. Estes critérios de inclusão foram escolhidos considerando certa experiência significativa em relação ao objeto da pesquisa, para que, assim, pudessem fornecer um relato significativo sobre o tema (Barreira & Ranieri, 2013).

Uma vez que o objetivo deste estudo é compreender a experiência vivida de surfar para aqueles que o praticam, é necessário reconhecê-la através de relatos que possibilitam o acesso a essas vivências constitutivas (Valério & Barreira, 2016). Optou-se pela realização de uma entrevista aberta, de inspiração fenomenológica, com a pergunta disparadora “Como é a experiência de surfar para você?”. A entrevista de inspiração fenomenológica é um meio que permite a narração expressiva das experiências vividas, através de vínculo empático, que possibilita que a estrutura do fenômeno seja apreendida (Barreira & Ranieri, 2013).

1 Essa pesquisa cumpre com as normas éticas para pesquisas com envolvimento de seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e terão, após a publicação do artigo, devolutiva sobre suas colaborações na pesquisa.

Os participantes foram escolhidos, a princípio, por meio do método de amostragem proposital, que se trata de uma escolha em que o autor do projeto delibera quem serão os participantes que farão parte do estudo em questão, de forma a trazer informações substanciais sobre o tema em pauta (Turato, 2008). Estes deviam corresponder aos critérios de inclusão da pesquisa e, após essa etapa, outros participantes foram contatados por meio da amostragem em bola de neve (Dewes, 2013), que utiliza das ligações existentes entre os membros de certa população para obter uma amostra dela. O método, portanto, funciona a partir da indicação dos entrevistados a outros possíveis colaboradores, que também estão nos critérios de inclusão, e assim sucessivamente². A coleta foi interrompida a título de saturação, assim que os relatos obtidos foram suficientes e começaram a esgotar as possibilidades de descrição do fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013). O número igual de participantes homens e mulheres não fora intencionado pelos pesquisadores previamente. As entrevistas foram audiogravadas, transcritas integralmente e analisadas, por meio do método empírico-fenomenológico (Barreira, 2017; Giorgi, 2001).

De acordo com Moreira (2004), as etapas para uma análise fenomenológica devem variar de acordo com as peculiaridades de cada situação. O método, segundo esta autora, pode ser descrito basicamente em quatro procedimentos, que seriam a transcrição da entrevista em sua forma integral, a divisão do texto em *movimentos*, de acordo com o tom da entrevista, a descrição do significado emergente de cada movimento, e por fim a *saída dos parênteses*. Nesta última etapa, faz-se necessária a análise dos dados obtidos à luz da literatura disponível sobre o surfe. A análise passa da singularidade da vivência de cada sujeito para a generalidade da experiência em foco, uma vez que as entrevistas são comparadas entre si. Para isso, utiliza-se o cruzamento intencional, que visa reconhecer os relatos

2 A primeira autora do trabalho, que realizou as entrevistas, era estudante na época e, seguindo o modelo de bola de neve, contou com possíveis entrevistados a partir da sua rede de contatos. Nota-se, portanto, que a maioria dos entrevistados faz parte de um contexto universitário, o que também pode ser compreendido pela maior flexibilidade de horário, tanto para a prática (o que foi citado nos relatos), como para a realização das entrevistas.

singulares como variações das experiências vividas, e possibilita cruzá-los, para identificar entre essas experiências aquilo que é comum e essencial ao fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A caracterização dos participantes pode ser consultada na Tabela 1. Todos foram apresentados por meio de nomes fictícios a fim de se manter o anonimato.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes

Participante	Sexo	Idade (anos)	Tempo de prática (anos)	Profissão
Suelen	Feminino	25	5	Mestranda
Deborah	Feminino	19	2	Estudante Universitária
Andréa	Feminino	27	5	Profª de Francês
Silvana	Feminino	20	16	Estudante Universitária
Paulo	Masculino	30	11	Doutorando
Pedro	Masculino	22	18	Estudante Universitário
Ricardo	Masculino	22	16	Estudante Universitário
Fábio	Masculino	22	1 ano e 6 meses	Estudante Universitário

A experiência vivida de surfar será aqui apresentada e discutida a partir de três movimentos, relatados pelos entrevistados, sendo: (1) Antes de entrar no mar, (2) Vivenciando o mar com uma prancha e (3) A saída do mar.

Antes de entrar no mar

“o legal do surfe é todo ele [...] preparar pra pegar onda, escolher a prancha...” (Suelen)

As experiências descritas pelos participantes evidenciaram que a vivência de surfar inicia-se antes da ida a praia ou de jogar-se mar adentro. Sendo assim, notou-se que esse movimento colocou em pauta a necessidade

de preparação para entrar no mar, bem como a compreensão dos fatores da natureza que influenciam na prática – como a importância de se ler a onda (Nepomuceno, 2017).

A preparação para a entrada no mar apareceu de diversas formas. Pedro apontou a necessidade de uma preparação para enfrentar desafios maiores, como ondas muito grandes, pois disse saber “como é a sensação de estar lá dentro não estando preparado [...] eu sei que vou me colocar em situações que não vou conseguir me controlar”. Ele relata praticar regularmente natação e treino funcional, no intuito de se preparar física e tecnicamente, especialmente para ondas grandes – uma vez que ele vai ao Havaí, pelo menos uma vez por ano, neste intuito.

Além disso, notou-se a necessidade de uma preparação emocional, como Silvana relata acerca da coragem para entrar no mar: “Primeiramente você precisa de um pouco de coragem e de motivação também, porque... não é um esporte fácil e de não ter medo do mar, senão não acontece” e, para Paulo: “você tem que ter coragem né. Porque você tá em cima de um objeto quase do tamanho do seu corpo”. A necessidade de coragem e determinação foi encontrada no estudo de Souza (2003), no enfrentamento das ondas e na possibilidade de manejo da dor, em possíveis acidentes.

As informações relativas a fatores da natureza se tornam igualmente importantes na preparação para a prática do surfe, como na fala de Ricardo: “O surfe ocupa um espaço de tempo, não é simplesmente ir até lá. [...] Você tem que se programar quanto ao tempo, ver a previsão”. Isto implica em uma busca constante por lugares onde a prática pode ser feita de maneira mais efetiva, como diz Pedro: “Tu não pode achar a melhor onda do mundo em qualquer lugar. Talvez essa busca, que eu gosto de viver muito assim, de procurar ondas boas e lugares legais, acho que faz o esporte ser especial”. Souza, Farias, Brasil e Salles (2015) ressaltam que este espaço da prática, com a interação de diversos elementos como ventos, correntes marítimas, ondulações, marés e geografia das praias, é o que torna o surfe imprevisível, desconhecido e cercado de riscos. Giudice e Oliveros (2014) afirmam que a oceanografia é talvez a competência mais importante no surfe, visto que, se as pessoas não sabem quando e onde terão ondas, a prática torna-se impossível.

Vivenciando o mar com uma prancha

Este movimento foi evidenciado a partir do ato de surfar e aquilo que o envolve dentro do mar, isto é, a continuidade da experiência que se revela diante de um pequeno pedaço de madeira em cima de uma onda (ou esperando-a), em uma imensidão de significados.

A dificuldade de expressar em palavras como é a experiência de surfar se revelou no decorrer das falas, evidenciada em frases sucintas, como a de Paulo: “Vixe, surfar é uma das melhores coisas que tem na face da terra. Sei lá, é muito, muito bom [...] é indescritível”. Outros apontaram ser “a coisa mais natural do mundo”, como Pedro. A experiência vivida de surfar foi ligada a um sentido terapêutico, trazendo aspectos como paz, meditação, relaxamento e paciência, como na fala de Paulo: “Quando você chega no fundo do mar, que você senta na sua prancha, [...] te traz uma plenitude e uma paz muito forte”. Essas sensações também aparecem no relato de Silvana:

[o surfe é] basicamente terapêutico, [...] é a única coisa que consegue me relaxar de verdade, que eu consigo parar e não pensar em nada, é quase meditativa e me coloca tipo em contato com o meu corpo [...] sinto que eu entro num fluxo que não é só meu, tipo, sou eu e o mar [...] acho que tem um efeito bem terapêutico, bem calmante, bem meditativo.

Outros participantes apontaram sensação de fluidez e sintonia com o mar. Este estado de fluidez pode ser conhecido na psicologia do esporte a partir da noção de *flow* (Peinado, 2011), que indica esta sensação, acompanhada de grande envolvimento com a atividade. Bandeira e Rubio (2011) apontaram essas sensações, após a obtenção de habilidade motora, do controle psicológico e do conhecimento do mar, como o sentimento de prazer da fruição do corpo na onda, sincronia com o mar e aceitação da presença do surfista pelo oceano. Brandão (2009) lembra que o surfista surfa com o mar, sem apoderar-se dele ou ser anulado por ele.

A experiência de fusão com o meio é característica dos esportes radicais ou de aventura, no qual o surfe se encaixa. Segundo Gomes e Riachos (2012), esses esportes são determinados por uma dinâmica de

complementaridade com o meio, na busca da captação da essência do contexto e suas condições, habitualmente distintas da situação que os sujeitos estão acostumados a vivenciar em seus cotidianos.

Paulo e Fábio evidenciaram a questão da paciência e do quanto ela influencia o momento dentro do mar, e os posteriores. Fábio diz que aprendeu a ter mais calma, controle e equilíbrio, enquanto Paulo ressalta o quanto a experiência de surfar o modificou, pois ele se considerava uma pessoa muito impaciente e teve que lidar com uma situação oposta dentro do mar: “Você tem que esperar, não tem o que fazer. Ou você se diverte ou você sai da água, pra você se divertir tem que esperar a onda chegar, então tem que ter paciência”.

A experiência de surfar foi descrita a partir de dias considerados bons, e outros nem tanto. Os dias bons foram apontados para os participantes como aqueles em que se conseguia alcançar o êxtase (termo utilizado por alguns participantes³), em suas manobras e práticas. Andréa apontou uma sensação de liberdade e tranquilidade, de se sentir plena num misto de alegria e felicidade: “Quando é perfeito, puts, é muito bom, daí eu penso [...] ‘nossa poderia morrer agora’, sabe, tipo, de sentir tudo de bom que essa vida poderia me proporcionar assim”.

Deborah compartilhou esse sentimento de êxtase e disse ficar lembrando a manobra que acertou. De acordo com Souza (2003), a prática do surfe pode proporcionar uma sensação de euforia, êxtase, liberdade e felicidade. Fábio pontuou: “a hora que acaba você pode até ter tomado uma vaca⁴, ou ter terminado a onda ali, mas você ta feliz né, tipo ‘missão cumprida’, volto remando até mais animado”.

Outras sensações, não tão agradáveis, foram trazidas pelos relatos, como frustração e sensação de derrota quando os objetivos não são alcançados, como na fala de Paulo: “o caldo é terrível. E acidente né, eu já machuquei com prancha né, já cortei pé, já levei prancha em partes muito delicadas

3 As descrições sobre este estado de êxtase apareceram em alguns relatos e se assemelham à noção de *flow*, definido como um estado de fluência e pleno envolvimento com a atividade (Peinado, 2011).

4 Vaca: Quedas do surfista durante a prática do surfe, também chamado de “caldo” (Souza et al, 2015).

do corpo”. Além dos obstáculos observados nesses relatos, Bandeira e Rubio (2011) apontaram a disposição que o surfista deve obter para lidar com os acidentes, hematomas, arranhões, lombalgias, cortes, rupturas de ligamentos, etc. Apesar dessas dificuldades, todos os participantes afirmaram *valer a pena* e reconhecer que os dias desagradáveis também fazem parte dessa vivência. Silvana descreve a sensação de prazer em relação às dificuldades encontradas, como já ter caído em fendas de pedra no mar, dizendo que “no surfe meio que o prazer engole o medo”. Pedro relatou sua paixão por ondas grandes, e os apuros que passou em situações de “quase morte”.

Observa-se que o sentimento de desafio parece importante para o surfe, podendo ser marcado pela vivência de superação, que pode estimular uma existencialidade esportiva, entendida por Ranieri e Barreira (2003) como uma das experiências centrais no contexto do esporte, motivando à prática e atribuindo um significado singular na vida dos que o praticam.

A percepção de empoderamento também apareceu nos relatos, entretanto, de formas diferentes. Segundo Paulo: “você se sente um dominador da onda. Acho que essa é a questão do poder, você sente que você tá controlando aquela onda naquele momento”. De outro modo, este ponto apareceu como resposta de igualdade a atitudes dentro do mar que oprimem as mulheres no surfe, como na descrição de Andréa:

me senti empoderada, me senti em igualdade com todo mundo porque tipo, é, tem a questão da mulher no surfe [...] a maioria das pessoas que estão lá surfando são homens. Então tem uma questão de se sentir um pouco intimidada assim né, ou de ter uma certa disputa pra alguma maneira ter que estar disputando espaço com um homem né, e as vezes porque os caras não te dão vez, então tu tem que se impor, tem que meio brigar e que se meter pra conseguir pegar uma onda, pra ter espaço [...] quando eu chego, eu atinjo esse êxtase, eu consigo surfar, e fluir bem e tal essas questões todas desaparecem na verdade assim, não é que elas desaparecem, mas elas são respondidas assim.

Para Souza (2003), as mulheres apontaram discriminações vivenciadas dentro do mar, como o desrespeito de surfistas homens que invadem suas ondas, impedindo-as de fazer seus movimentos. Corroborando este argumento, Fortes (2014) aborda a incredulidade e o deboche feito por

homens sobre a prática e a capacidade das performances das mulheres. Dessa forma, o relato de Andréa pode ser entendido como uma forma de resposta a essas atitudes que ocorrem durante a prática.

Além das experiências já citadas, a vivência do mar com uma prancha foi abordada por meio de outros fatores, como a relação com o mar, com o outro e experiências marcantes para estes praticantes. Para melhor compreensão, esses aspectos serão abordados por meio dos subtópicos a seguir.

Contato com a natureza: a relação com o mar

“[O Surfe] não depende só de você sabe, na verdade ele depende que 60%, acho que mais até, do mar mesmo, da natureza, então, tipo, é o que eu te falei antes, é uma sincronia muito grande com o ambiente”. (Silvana)

A relação com o mar é ressaltada como admiração diante da imensidão. Paulo relata que essa relação para ele é pautada numa paixão profunda: “eu sempre senti o mar como se fosse uma questão de cura da alma, pra mim sempre foi uma coisa muito boa, uma limpeza”. Deborah descreve: “amo o mar, eu fico muito abismada, daí você fica olhando pro mar lá e fica pensando tudo que Deus criou, tudo o que Ele é capaz de fazer, nossa, fico viajando”.

Apesar dessa relação intensa com a natureza, Pedro trouxe uma percepção diferente dos outros participantes:

tu acha que surfista é ambientalista, [...] é o bicho mais poluente do mundo. Eu tenho, sei lá, umas 15 pranchas, e cada prancha dessa não tem destinação correta sabe, parafina é uma coisa extremamente química, roupa de borracha é uma coisa muito não sustentável, é... e eu acho que são percepções que a grande maioria dos surfistas não tem.

O participante pontuou ainda que não se atentava a essas questões anteriormente. Entretanto, ele está elaborando uma pesquisa em sua universidade sobre os produtos vendidos para a prática de surfe e isso o fez entender mais sobre o assunto.

Surfando com o outro

“Ninguém faz nada no mundo sozinho. A gente tem que fazer em colaboração”. (Paulo)

Segundo os participantes, a maneira como é vivenciada a experiência de surfar é extremamente ligada às pessoas e relações interpessoais, como relata Deborah:

Envolve, tipo, os seus amigos [...] é diferente quando tu vai surfar sozinho e quando tu vai surfar com gente, sabe? Então isso muda a sua experiência naquele dia do teu surfe, porque eles vão te ajudar numa manobra, vão te dar umas dicas, você vai tá mais alegre, vai tá mais feliz e isso vai mudar, vai aumentar teu desempenho.

Nesse mesmo sentido, Ricardo relata que o surfe é visto como um encontro social e que a continuidade dessa prática depende das relações que ela envolve:

Até pra tu continuares a surfar, tem que ter gente que vai surfar contigo, ta ligado? É um... o surfe é muito um, é um encontro véi, social, ta ligado? É legal ir surfar sozinho, mas é muito legal ir surfar com gente, ficar lá na água. Não é competitivo, é um esporte que um fica instigando o outro, e querendo que o outro seja bom também.

Fábio ressalta esse fator, dizendo que a experiência do surfe contém intrinsecamente uma ajuda ao próximo:

Como eu já fui ajudado muitas vezes e ainda me ajudam [...] nos conselhos, ajudar na praia, ajudar no vento assim, na parte técnica, ajuda como ser humano caso alguém se afogue você tem que ajudar também, ajuda de um modo geral mesmo, ajuda a ser parceiro da pessoa mesmo que você não conhece.

Nesse sentido, Albuquerque (2006) argumentou que mesmo o surfe sendo entendido como um esporte individual, muitos surfistas dividem os mesmos locais como um espaço de solidariedade, troca e aprendizagem.

Apesar dessas percepções compartilhadas entre todos os participantes, Pedro e Ricardo apontaram outra temática envolvida na vivência do surfe: o individualismo. Ricardo aborda essa questão:

É stress de gente... as vezes tem muita gente, e tem, aí é localismo, é briga, é porrada, o pessoal sai, e surfista é babaca ta ligado? É individual, então... O pessoal, ah, quando vai surfar com a tua galera ali, pô, é só brincadeira. Agora tu rabeia⁵ alguém, tu pega onda de alguém, que é mais esquentado [...] já vai rolar um stress, já vai rolar uma voz alta, um clima errado, uma energia ruim já estraga toda tua experiência, tu já nem quer ficar mais no mar tá ligado?

Nota-se na fala de Ricardo um incômodo em relação ao localismo:

Tem muito desse negócio do local, porque o surfe tem praticamente, tu tem um número determinado de ondas, por um espaço de tempo, se tem mais gente, vai ter menos onda pra cada um [...] tem gente que entra na água e não pega nada [...] o local se sente no direito de que aquela onda é dele, e que ele pode rabeiar quem ele quiser, pegar a onda que ele quiser, e isso acaba irritando muita gente.

Nesse sentido, o *local* seria o surfista que reside naquele lugar e tem experiência e prática constantes naquela praia. Ricardo afirma que o surfe possui suas próprias regras de prioridade dentro do mar, entretanto, o *local* coloca-se acima destas. O localismo foi apontado no estudo de Nogueira (2016), em Fortaleza, na praia do Titanzinho. Os autores apontaram a noção do poder exercido pelos nativos como proprietários da área, colocando-se com senso de exclusividade sobre as ondas do mar, permeando as interações humanas na natureza. Além dessas percepções, o estudo de Bandeira (2014) aborda a atribuição do localismo como algo intercambiável e contextual, entendendo que um *local* aqui pode ser visto como estrangeiro quando for surfar em outra praia, e vice-versa, ressaltando a importância de compreender esse fenômeno como algo construído historicamente e socialmente. Já Gomes, Feyer, Passos e Farias (2009) pesquisaram a identidade coletiva dos surfistas de Florianópolis e identificaram o localismo como uma marca

5 Rabeiar: Entrar em uma onda que já está sendo surfada por outro surfista (Souza et al, 2015).

identitária, sustentada nas e pelas relações sociais, com a construção de práticas protecionistas aos locais e aos grupos, gerando práticas discriminatórias, violentas e preconceituosas.

Experiências marcantes

Muitos demonstraram contraposição entre uma situação de muito prazer e outra de muito medo. As metas alcançadas, como a primeira manobra, onda grande, entrada na parede da onda ou tubos⁶ foram celebradas como prazeres mais intensos e significativos. Foi ressaltado que o ápice desses momentos dependia da presença dos amigos e do local em que eles estavam realizando a prática, como na fala de Andréa: “o êxtase é com os amigos [...] é compartilhar com alguém assim, vou pegar uma onda maravilhosa e ter com quem conversar assim no momento”. As viagens, ou *surf trips*, foram apontadas como momentos inesquecíveis. Em relação às viagens feitas para a prática de surfe, Alcântara, Matias e Araújo (2012) apontam que a não repetição fascina e envolve essa forma de turismo. A interação com o local se mostra como motivo determinante para a realização da viagem, e as experiências tornam-se vivências únicas, envolvendo calma, espairecimento, temperatura da água, etc. O deslocamento que visa o encontro de ondas é considerado ponto importante na subcultura do surfe, sendo assim representado em filmes, revistas, novelas e outros produtos da mídia em geral (Fortes, 2011; 2014).

As sensações de medo foram mescladas entre estar sozinho e sentir-se sozinho, dependente das condições do mar. Andréa relatou o medo de ficar à deriva após uma tentativa frustrada de pegar uma onda muito grande em um dia em que foi surfar sozinha. Deborah relatou uma situação em que estava aprendendo a surfar e não conseguia nadar contra a corrente, obtendo a ajuda de outro surfista:

Tava ficando muito cansada, “meu Deus, eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer!”. Daí só veio um surfista e disse “Ei! Vem cá” e me puxou

6 Tubo: quando o surfista é envolto pela onda, no espaço que há entre a crista e a parede, conseguindo sair de dentro dela na sequência (Souza et al, 2015).

assim, daí aquilo foi tipo, “Mano, ele me salvou, podia ter morrido”. Isso me marcou muito, porque tipo, como é mais legal, tipo, tá surfando com gente, com amigos.

Fábio trouxe uma situação em que uma nuvem de tempestade apareceu enquanto estava surfando: “foi realmente marcante pra mim porque eu realmente me senti pequeno assim, sabe? Realmente eu me senti inútil assim, minúsculo [...] me senti um nada, um grão de areia”. Nesse mesmo sentido, Pedro abordou outra situação de perigo:

Tava lá sentado e quando eu vejo, o horizonte fica preto e eu pensei, “Ah, agora já era pra mim”, olhei pro lado tava todo mundo com colete flutuador assim, e eu tava com um coletinho muito fino, e pensei “cara, to sozinho aqui”, apesar de ter um monte de gente dentro da água, tipo, eu nunca me senti tão sozinho.

Entretanto, apesar dessa situação complicada, Pedro afirmou que vivenciar isto o motivou mais para a paixão que ele sente por ondas grandes. Essa percepção pode ser encontrada em Oliveira (2007), na modalidade *tow-in*, em que os atletas, ou *big-riders*, são lançados em ondas enormes com o auxílio de um *jet-ski*. O estudo apontou que os sentimentos de medo e respeito se relacionam, e que o risco é um aspecto importante, como um impulsionador para se retornar à prática dessa modalidade.

A saída do mar: a extensão do surfe para além das praias

“Não tem como falar da vida de uma pessoa que surfa sem falar do surfe”
(Deborah)

A experiência vivida de surfar parece extrapolar os limites do mar para as vidas pessoais daqueles que o praticam. Os participantes relataram o quanto essa vivência influencia diretamente suas rotinas, características físicas e emocionais, e a maneira como eles lidam com a vida. Para Alcântara e colaboradores (2012) o surfista estende o surfe para o seu dia-a-dia, pela maneira de se vestir, grupos sociais, decisões de consumo, conversas e horários. Paulo relata as consequências da ausência do surfe na sua

rotina diretamente em suas percepções. Ele mudou-se para uma cidade do interior, impossibilitando a prática constante do surfe, mas afirma que sua experiência lhe ajuda em diversos aspectos:

Eu acho que o surfe é uma filosofia de vida pra qualquer coisa, assim, eu acho que se eu tivesse praticando mais eu taria mais resiliente, taria muito mais forte pras coisas que tão acontecendo na minha vida, e com certeza eu teria, eu estaria muito mais autoconfiante se eu estivesse surfando. Mas a experiência que eu já tive me dá um pouco disso ainda [...] consigo sentir ainda que eu tenho uma paciência, que eu sei esperar os momentos [...] tudo que você vê ali no cotidiano do surfe você consegue aplicar pro seu trabalho, pra sua vida, até pra vida dos seus relacionamentos com as pessoas.

Essas percepções também foram notadas em outros relatos, como o de Silvana: “acho que ele tem uma grande consequência na sua vida cotidiana, porque eu acho que o surfe me deixa mais centrada, e tipo, mais concentrada nas coisas que eu to fazendo, bem mais calma”. Para Souza (2003), além de aumentar as capacidades físicas, o surfe contribui para um controle emocional que estabiliza o ritmo de suas vidas, apontando a capacidade desta prática funcionar como um sedativo que alivia a dor e libera as tensões cotidianas. Nesse sentido, Deborah afirmou que o surfe a modela física e intelectualmente: “modelou o meu corpo, modelou a minha forma de resistência, de... tipo, conseguir suportar um dia inteiro de muito estudo, de correria”. A participante apontou que começou a ficar mais relaxada e dar mais valor para a vida, notando as coisas simples ao seu redor.

Além dessas percepções, os participantes relataram sobre a mudança que sentem na vivência de seus cotidianos após a prática do surfe, como se percebe na fala de Ricardo:

Se tem uma coisa que faz muita diferença as vezes é tu acordar cedo, sei lá, antes do sol nascer, chegar na praia, pra ver o sol nascendo, isso já faz todo o seu dia [...] tu vai ter um sorriso no rosto do começo ao fim porque tu viu o sol nascer na praia.

Pedro aborda essa questão ressaltando a facilidade que ele possui em fazer suas obrigações após ter vivenciado o surfe: “meu dia rende muito, que eu to com a cabeça tranquila, sabe? Já fiz o que eu queria fazer, e

agora as obrigações, parece que vem tudo muito mais fácil”. Souza (2003) observou, no discurso de praticantes, o surfe como um recarregamento de bateria que auxilia o resto do tempo do dia. Além disso, pontuaram uma baixa no rendimento das suas demais atividades, inquietação e irritação, que desestruturaram seus ritmos de vida, quando não conseguem atender o tempo reservado para sua prática.

Outro ponto ressaltado nos relatos foi a necessidade de se obter uma rotina mais flexível, que permita a constante prática do surfe. Entretanto, apesar do surfe ocupar um lugar importante nessa rotina, apareceu, entre um consenso, que as obrigações são prioridades para os participantes, como na fala de Fábio:

Não planejo em função do surfe, mas no meu planejamento fica, eu... como eu posso te dizer? Eu procuro uma brechinha ali pra encaixar o surfe, não é, o primordial não é o surfe na minha rotina, até porque não tem como.

Nessa fala de Pedro, começa-se a abordar o preconceito vivido no surfe, ao mostrar algumas percepções daqueles que não vivenciam esta prática:

“Ah, surfista é natureza, paz, amor”. Não! A grande maioria dos surfistas trabalha, sabe? Tem outras coisas importantes pra fazer, principalmente os que viajam, que gostam mesmo, são os caras que trabalham e correm atrás das coisas pra poder tá fazendo aquilo [...] cumpro todas as minhas obrigações, eu gosto de ir bem na faculdade, eu vou bem na faculdade, é, to me formando no tempo certo.

Nesse mesmo sentido, Silvana fala sobre esse estigma do surfista e amplia o cenário do surfe como um ambiente misto:

[O surfe é] um pouco estigmatizado, pela sociedade em geral, ah... “Pessoas que não fazem nada”, tipo, “maconheiro”, “não sei o que”, eu acho que essa é uma parte ruim da cultura do surfe, que inventaram [...] o ambiente do surfe ele é muito misturado assim, você tem tipo estudante, [...] executivos, [...] vários ramos de profissão, todas as pessoas surfam sabe, não tem porque criar esse estigma.

Knijnik e Cruz (2010) apontam que essa variedade de pessoas que se adequam ao surfe ocorre por ser um esporte barato e fascinante, tornando o mar um ambiente misto de culturas, classes sociais, valores, raças e crenças. O estigma apontado por Silvana pode ser compreendido segundo a perspectiva de Goffman (1988), como uma situação onde o sujeito não é aceito plenamente pela sociedade; possuindo uma marca de valor pejorativo e inferior, a partir de critérios impostos nas relações sociais cotidianas.

Os relatos apontaram que os participantes vivenciam esse tipo de preconceito e olhar de outras pessoas, e que isso os desagrada. Fortes (2008) analisou o material de uma revista de surfe e a tentativa desta de consolidar o surfe como um esporte profissional e sério. Ele apontou que a revista teve de lidar com estigmas como drogas, alienação, vagabundagem e violência, a fim de trazer o contraponto de que este é um esporte que deve ser reconhecido e dar credibilidade aos seus praticantes, principalmente visando possíveis patrocinadores. Além da aparição dessa forma de preconceito nos relatos, pode-se observar ainda o preconceito com relação à mulher no surfe. Andréa apontou a intimidação que ela sente, e ressaltou ainda a falta de representatividade que ela encontra da mulher surfista na mídia:

Pega as revistas de surfe ou site de surfe e só tem homem surfando e mulher não, tem bunda de biquíni, nunca tem assim uma mulher surfando, uma mulher falando sobre surfe [...] tu não te sente representada de jeito nenhum.

Sobre essa representação da mulher na mídia, Knijnik e Cruz (2004) apontaram que as surfistas estão presas em modelos de corpo e identidade, presentes na cultura de gênero da nossa sociedade, e isto afeta diretamente o patrocínio e a imagem publicitária da mulher surfista. A questão de gênero pode ser entendida como um modo de organização social das relações entre os sexos sendo, portanto, contextualmente constituída (Scott, 1995). Souza (2003), através de análise do conteúdo de revistas, pôde visualizar o gênero construído nessas mídias por meio de imagens do surfe masculino, e das mulheres vistas como acompanhantes dos surfistas. Segundo Bandeira e Rubio (2011), a mídia começou a retratar a mulher como corpos sexualizados, exibindo-as em biquíni, a partir dos anos 80. De acordo com

Fortes (2014), apesar do primeiro título mundial no WQS⁷ ser de uma mulher florianopolitana, a história do surfe em Florianópolis é retratada pela mídia através dos campeões masculinos. Andréa aponta que existem vivências diferentes:

É o que eu sinto, uma grande pressão sim, mas óbvio que tem casos diversos assim, teve muitas vezes que eu fui surfar sozinha e conheci homens [...] que me ajudaram, que me apoiaram, que sei lá, me deram algum tipo de ajuda, que tipo assim de apoio né, porque com certeza tem homem assim que em vez de reprimir a presença feminina eles vão ao contrário, vão apoiar, prestigiar, sei lá como se diz, mas a maioria não, a maioria vai reprimir ou vai tipo, é, tá mais interessado é, em tipo “Ai, ver uma mulher de biquíni, tal e com uma prancha”, mas sem realmente se importar se ela vai surfar ou não.

Já Deborah relata que não teve essa percepção de repressão dentro do surfe, mas sim vindo de pessoas de fora da prática: “já superei isso, mas no início foi difícil assim, eu ficava me perguntando bastante, tipo se valeria a pena continuar me engajando”.

Silvana também abordou esse assunto, e disse que, apesar de não ter enfrentado dificuldades, por ser de um local em que o surfe é a atividade de lazer mais procurada, observa o receio que suas amigas têm ao iniciarem essa prática:

O número de mulheres é bem mais reduzido que o de homens, sabe? Mas é porque... eu não diria, eu tava até discutindo hoje sobre o surfe ser um esporte machista. [...] as atividades mais radicais já são colocadas como não femininas.

Souza (2003) aponta que, quanto mais uma prática esportiva é vista como radical, requerendo o enfrentamento de risco que afetem a corporeidade, mais essa prática é vista como um espaço de sociabilidade masculina. Entretanto, a autora apontou que esse cenário tem se modificado, e que os fatores que impediam a prática do surfe pelas mulheres têm sido rompidos no que cerca os cuidados sociais sobre as práticas corporais. Para Bandeira

7 World Qualifying Series: é a divisão de acesso ao Circuito Mundial de Surfe

e Rubio (2011), apesar do surfe mostrar-se como uma prática libertária, com potencial de promoção de novas políticas e sensibilidade ambiental, ele não está livre da reprodução de outros padrões de dominação.

Nota-se que este trabalho, ao dialogar com a fenomenologia, contempla a noção de corpo em diversos momentos. Neste sentido, aponta-se Merleau-Ponty (1999) como um dos fenomenólogos que mais discute este ponto, notadamente a partir da sua noção de corpo próprio, que pode ser entendida como aquilo que “me abre ao mundo e nele me põe em situação” (p. 228). O corpo é ancoragem e local do entrelaçamento entre natureza e cultura numa relação ambígua.

É o corpo que nos abre e nos fecha ao mundo e ao outro. Em uma compreensão da intercorporeidade a partir desse viés, o outro é fundamental na relação entre nós e o mundo, permitindo o reconhecimento da unidade e da diferença. É o outro que, ambigualmente, nos possibilita a percepção do que é universal e do que é particular em nós (Telles & Moreira, 2014). Nesse sentido, esta concepção marca um modo de compreensão acerca do corpo que muito é cara à perspectiva fenomenológica e não poderia deixar de ser apontada aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, percebe-se que a experiência de surfar pode ser compreendida em três movimentos principais: (1) antes de entrar no mar; (2) a vivência do mar com uma prancha e (3) a saída do mar.

As percepções dessa experiência iniciam-se antes dos praticantes jogarem-se mar adentro. Ela é permeada por uma preparação prévia necessária, tanto técnica, quanto física e emocional e requer de conhecimento anterior e compreensão dos fatores da natureza que influenciam diretamente a prática do surfe.

A vivência dentro do mar remete a sentidos terapêuticos, fluidez, momentos de êxtase e frustração, permeados pela sensação de superação dos desafios pessoais de seus praticantes. O contato com a natureza é incessante nessa relação com o mar, que alivia e causa admiração. Os relatos de experiências marcantes se contrapõem entre prazer e medo, entre sentir-se

à deriva e alcançar um deslumbramento indescritível, e os relatos de vivência com outros surfistas apontam desde amizades duradouras e ajuda ao próximo a relações individualistas e fenômeno do localismo.

A saída do mar reflete o quanto a experiência vivida de surfar extrapola os limites da água para as vidas pessoais desses praticantes. Ela repercute no enfrentamento diário e auxilia para que a rotina tenha uma carga menor. Vê-se ainda que essa saída faz com que os surfistas lidem com preconceitos externos, estereótipos e estigmas dos quais são rotulados, e aponta uma diferenciação entre os gêneros que discriminam as mulheres no esporte – fatores que são relatados como desagradáveis.

Para Boboghluin (2003), a psicologia do esporte aplicada ao surfe pode auxiliar a manter a motivação e a dedicação, assim como uma estrutura emocional equilibrada. No entanto, a partir do presente estudo, na interface da psicologia do esporte e de uma perspectiva fenomenológica, entende-se que esta prática se apresenta de modo bastante peculiar, exigindo do profissional atenção às questões culturais e de gênero, às tonalidades afetivas da relação com o mar e os outros surfistas, bem como a uma rotina que se modifica no intuito de permitir a prática regular do surfe.

A contribuição deste estudo para futuras pesquisas neste campo envolve o aprofundamento de cada uma das vivências aqui relatadas, bem como uma reflexão e reposicionamento do profissional e/ou pesquisador que se proponha a trabalhar com o surfe, seja ele em sua faceta profissional ou recreativa. Entende-se que intervenções junto a alguém que se propõe entrar no mar apenas com uma prancha não podem ser pautadas apenas a partir de regras e técnicas. Deslizar-se sobre uma onda pareceu ser uma experiência bastante forte, marcada por um misto de medo, coragem, prazer, contemplação, dentre outras características apontadas. Defende-se aqui uma psicologia do esporte que seja sensível às experiências vividas de seus praticantes para, posteriormente, ocupar-se de regras e técnicas.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, C. S. (2006). *Nas ondas do surfe: estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Alcântara, F. R., Matias, E. M., & Araújo, R. D. (2012). Surfing Trips: Segmentação do Turismo e Aspectos Motivacionais do Surfista. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 2(1), 93-107.
- Bandeira, M. M., & Rubio, K. (2011). “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(1), 97-110.
- Bandeira, M. M. (2014). Territorial disputes, identity conflicts, and violence in surfing. *Motriz*, 20(1), 16-25.
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada à psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud & J. Savian Filho. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulos.
- Barreira, C. R. A. & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.), *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Boboghluin, M. L. C. (2003). Surfe – Esporte, Estilo de Vida. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte aplicada* (pp 193-208). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brandão, L. (2009). Prazeres sobre pranchas: o lúdico e o corpo nos esportes californianos. *Revista de História do Esporte*, 2(2), 1-29.
- Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Fortes, R. (2008). De “passatempo de vagabundos” a “esporte da juventude sadia”: surfe, juventude e preconceito em fluir (1983-1988). In *Anais do XIII Encontro de História Anpuh-Rio, 1*. Rio de Janeiro: UFRRJ.
- Fortes, R. (2011). Representações de viagens e da busca da onda perfeita na mídia do surfe. In *Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 1*. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste.
- Fortes, R. (2014). Surfe feminino, indústria do surfwear e promoção da África do Sal: uma análise de ‘A Onda dos Sonhos 2’. *Licere, 17*(2), 283-311.
- García, F. G., & Romero, D. N. (2009). Autoestima y competitividade en una selección juvenil peruana de surf. *Revista Ibero Americana de Psicología Del Ejercicio y el Deporte, 4*(2), 253-270.
- Giorgi, A. (2001). Método Psicológico Fenomenológico - alguns tópicos teóricos e práticos. *Revista Educação, 24*, 133-150.
- Giudice, O. N. D., & Oliveros, M. G. (2014). Análisis descriptivo de la dinámica del surf como práctica social. *TELOS: Revista de Estudios Interdisciplinarios em Ciencias Sociales, 16*(2), 300-314.
- Goffman, E. (1988). *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Gomes, M. A., Feier, M. B., Passos, M. A. S., & Faria, A. L. T. R. (2009). Identidade coletiva dos surfistas de Florianópolis e o fenômeno do localismo. *Revista de Psicologia, 1*(1). Recuperado em 04 de agosto de 2016, de <http://virtual.cesusc.edu.br/portal/externo/revistas/index.php/psicologia/article/viewFile/129/117>.
- Gomes, R. A. M., Riachos, R. M. R. (2012). Práticas de Aventura: uma subcultura de risco?. *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 17*(173). Recuperado em 05 de novembro de 2016, de <http://www.efdeportes.com/>.
- Gomes, L. C., Souza Neto, A., Rojo, J. R. & Silva, M. M. (2017). Nas ondas da ciência: perfil da produção de conhecimento sobre o surf em periódicos brasileiros. *Licere, 20*(4), 285-311.
- Guimarães, R. E. (2011). *Estilo de vida, saúde e surf: Análise do contributo do Surf para o Estilo de Vida dos seus Praticantes*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto.

- Husserl, E. (1982). *Investigaciones Lógicas* (Vol. 2). (M. G. Morente & J. Gaos, Trads.) Madrid: Alianza Editorial.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Knijnik, J. D., & Cruz, L. O. (2004). Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In A. C. Simões & J. D. Knijnik (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho* (253-276). São Paulo: Aleph.
- Knijnik, J. D., & Cruz, L. O. (2010). Amazonas dos sete mares: a imagem corporal de surfistas brasileiras. *Revista do Nufen*, 1(2), 55-74.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *A fenomenologia da percepção* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes (Obra originalmente publicada em 1945).
- Moreira, M. (2009). *Surf: da ciência à prática*. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Moreira, V. (2004) O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447- 456.
- Moura, C. A. R. (2007). Husserl: Intencionalidade e Fenomenologia. *Mente, Cérebro e Filosofia*, 5(1), 6-15.
- Nepomuceno, L. (2017). Explorando a experiência de surfar: excrções sobre a vida dentro e fora do mar. In F. S. Cavalcante Júnior. (Org.). *Corpos Excritos*. 1ed. Curitiba: Editora CRV, pp. 1-206.
- Nogueira, A. A. (2016). Esporte, corpo e cultura surfe no litoral de Fortaleza. *Voices, Pretérito & Devir*, 5(1), 31-45.
- Oliveira, J. M. T. (2007). *O risco no surf: Importância do risco para os big-riders no surf de ondas grandes*. (Monografia). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto.
- Peinado, M. (2011). *Estado mental Flow no desporto (Revisão de literatura)*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2010). A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(2), 46-60.

- Rubio, K. (1999). A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(3), 60-69.
- Rubio, K. (2000). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção* (pp. 15-28). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, 20, 2.
- Souza, A. M. A. (2003). *“Evoluindo”: Mulheres Surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa*. (Dissertação de mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Souza, E. R., Farias, S. F., Brasil, V. Z., & Salles, W. N. (2015). A etnologia no surfe: compreendendo seus elementos estruturais e suas nomenclaturas. In J. V. Nascimento, E. R. Souza, V. Ramos, J. C. S. Rocha (Orgs.), *Educação Física e Esporte: convergindo para novos caminhos....* Florianópolis: UDESC, pp. 531-551.
- Telles, T. C. B., & Moreira, V. (2014). A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 205-212.
- Tomazini, M. V. (2017). *Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Valério, P. H. M. & Barreira, C. R. A. (2016). O sentido vivido da capoeira: cumplicidade, risco, autenticidade e criatividade. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6(1), 88-108
- Weinberg, R. & Gould, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed.

World Surf League. (2014). *2014 Men's Championship Tour Rankings*.

Recuperado em 17 de junho de 2018, de <http://www.worldsurfleague.com/athletes/tour/mct?year=2014>.

World Surf League. (2015). *2015 Men's Championship Tour Rankings*.

Recuperado em 17 de junho de 2018, de <http://www.worldsurfleague.com/athletes/tour/mct?year=2015>